Vozes do Sul Global

Voces del Sur Global

Voices of the Global South

Regina Ungerer, Erica Kastrup e Rychard L. Monteiro

Resumo: Este informe está quase integralmente dedicado à AGNU 81. O UNOSSC atuou fortemente na articulação de parcerias estratégicas para o desenvolvimento sustentável no Sul Global, sob a liderança da Diretora Dima Al-Khatib, que impulsionou a nova Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular, conectando conhecimento, financiamento e tecnologia. O UNOSSC destacou a resiliência climática e o financiamento (em colaboração com a NYU, o Marrocos e o PNUD), a transformação digital inclusiva e governança de IA (em painéis com Bahrein e a DCO), além da gestão de risco de desastres junto ao UNDRR. O escritório também fortaleceu alianças regionais com o SICA e o Banco Islâmico de Desenvolvimento (IsDB), priorizando o apoio a países e comunidades em situação de vulnerabilidade. Na AGNU 81, o Brasil reafirmou sua liderança diplomática e a projeção da cooperação Sul-Sul. Na abertura, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a reforma da governança global e do Conselho de Segurança, condenou conflitos armados e abordou a soberania digital, a justiça climática e o combate à fome. O país copatrocinou a aliança Parceiros pelo Multilateralismo (com Canadá e Quênia) para proteger e fortalecer o sistema ONU. Nas agendas setoriais, destacou a autonomia em saúde via Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS), parcerias bilaterais com o México por meio da Fiocruz e cooperação técnica agrícola com o Banco Africano de Desenvolvimento e o UNAIDS. O G-77 e China destacou a defesa da reforma da governança global, da igualdade tecnológica e da justiça financeira. Na 50ª Reunião Anual de Ministros das Relações Exteriores, às margens da AGNU 81, reafirmou a unidade dos 134 países membros na busca por uma nova arquitetura financeira e pelo cumprimento dos ODS. O grupo também promoveu debates sobre financiamento climático, governança inclusiva da inteligência artificial e proteção digital de gênero. Vale destacar que o próximo país a presidir o G-77 será Ruanda, que assumirá a liderança pró-tempore em 2027 pelo Grupo Africano. O MNA centrou suas intervenções na defesa do desenvolvimento e na reforma multilateral. O bloco defendeu transformar a Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento em um instrumento jurídico vinculante para garantir espaço fiscal e transferência tecnológica. Em seu pronunciamento na semana de alto-nível, Uganda pleiteou a reforma do Conselho de Segurança com assento permanente para a África, maior voz do Sul Global nas instituições financeiras e o fortalecimento do pilar do desenvolvimento na ONU. O MNA reforçou a urgência do anexo PABS para destravar o Acordo de Pandemias. O NAMYO fortaleceu o protagonismo jovem na diplomacia global. No Dia Internacional da Paz, defendeu o investimento na juventude e na diplomacia preventiva como bases para edificar sociedades resilientes e superar polarizações geopolíticas. O Centro Sul atuou estrategicamente na defesa dos países em desenvolvimento, articulando propriedade intelectual, transição verde e saúde global. Em Nova Iorque, abordou barreiras do acordo TRIPS em tecnologias climáticas. Na OMC, defendeu o espaço de políticas públicas para a industrialização e um sistema funcional de solução de controvérsias. Na OMPI, impulsionou a coalizão Friends of GRATK para acelerar a entrada em vigor do tratado contra a biopirataria. Além disso, no Grupo de Trabalho do Acordo de Pandemias da OMS, apresentou proposta

jurídica para garantir contratos padronizados e exigíveis no mecanismo de repartição de benefícios (PABS).

Palavras-chave: Cooperação Sul-Sul. UNOSSC. G-77 e China. Movimento dos Não-Alinhados. Centro Sul.

Resumen: *Este informe está dedicado casi en su totalidad a la AGNU 81. La UNOSSC tuvo una destacada participación en la articulación de alianzas estratégicas para el desarrollo sostenible en el Sur Global, bajo el liderazgo de su directora Dima Al-Khatib, quien impulsó la nueva Alianza Global para la Cooperación Sur-Sur y Triangular, conectando conocimiento, financiamiento y tecnología. La UNOSSC destacó la resiliencia climática y el financiamiento (en colaboración con la NYU, Marruecos y el PNUD), la transformación digital inclusiva y la gobernanza de IA (en paneles con Baréin y la DCO), además de la gestión del riesgo de desastres junto a la UNDRR. La oficina también fortaleció alianzas regionales con el SICA y el Banco Islámico de Desarrollo (IsDB), priorizando el apoyo a países y comunidades en situación de vulnerabilidad. En la AGNU 81, Brasil reafirmó su liderazgo diplomático y la proyección de la cooperación Sur-Sur. En la apertura, el presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendió la reforma de la gobernanza global y del Consejo de Seguridad, condenó los conflictos armados y abordó la soberanía digital, la justicia climática y la lucha contra el hambre. El país copatrocinó la alianza Socios por el Multilateralismo (junto con Canadá y Kenia) para proteger y fortalecer el sistema de la ONU. En las agendas sectoriales, destacó la autonomía en salud a través del Complejo Económico-Industrial de la Salud (CEIS), las alianzas bilaterales con México por medio de la Fiocruz y la cooperación técnica agrícola con el Banco Africano de Desarrollo y el ONUSIDA. El G-77 más China destacó en la defensa de la reforma de la gobernanza global, la igualdad tecnológica y la justicia financiera. En la 50.ª Reunión Anual de ministros de Relaciones Exteriores, al margen de la AGNU 81, reafirmó la unidad de sus 134 países miembros en la búsqueda de una nueva arquitectura financiera y en el cumplimiento de los ODS. El grupo también promovió debates sobre financiamiento climático, gobernanza inclusiva de la inteligencia artificial y protección digital de género. Cabe destacar que el próximo país en presidir el G-77 será Ruanda, que asumirá la presidencia pro tempore en 2027 por parte del Grupo Africano. El MNA centró sus intervenciones en la defensa del desarrollo y la reforma multilateral. El bloque defendió transformar la Declaración sobre el Derecho al Desarrollo en un instrumento jurídico vinculante para garantizar espacio fiscal y transferencia tecnológica. En su pronunciamiento durante la semana de alto nivel, Uganda solicitó la reforma del Consejo de Seguridad con representación permanente para África, una mayor voz para el Sur Global en las instituciones financieras y el fortalecimiento del pilar de desarrollo de la ONU. El MNA reforzó la urgencia del anexo PABS para destrabar el Acuerdo sobre Pandemias. La NAMYO fortaleció el protagonismo juvenil en la diplomacia global; en el Día Internacional de la Paz, defendió la inversión en la juventud y en la diplomacia preventiva como bases para edificar sociedades resilientes y superar polarizaciones geopolíticas. El Centro del Sur actuó estratégicamente en defensa de los países en desarrollo, articulando propiedad intelectual, transición verde y salud global. En Nueva York, abordó las barreras del Acuerdo sobre los ADPIC (TRIPS) en tecnologías climáticas. En la OMC, defendió el espacio de políticas públicas para la industrialización y un sistema funcional de solución de diferencias. En la OMPI, impulsó la coalición Friends of GRATK para acelerar la entrada en vigor del tratado contra la biopiratería. Además, en el Grupo de Trabajo del Acuerdo sobre Pandemias de la OMS, presentó una propuesta jurídica para garantizar contratos estandarizados y exigibles en el mecanismo de participación en los beneficios (PABS).*

Palabras clave: *Cooperación Sur-Sur. ONUSC. G-77 y China. Movimiento de Países No Alineados. Centro Sur.*

Abstract: *This report is almost entirely dedicated to UNGA 81. UNOSSC played a strong role in articulating strategic partnerships for sustainable development in the Global South under the leadership of Director Dima Al-Khatib, who spearheaded the new Global Alliance for South-South and Triangular Cooperation, connecting knowledge, finance, and technology. UNOSSC highlighted climate resilience and finance (in collaboration with NYU, Morocco, and UNDP), inclusive digital transformation and AI governance (in panels with Bahrain and the DCO), as well as disaster risk management with UNDRR. The office also strengthened regional alliances with SICA and the Islamic Development Bank (IsDB), prioritizing support for countries and communities in situations of vulnerability. At UNGA 81, Brazil reaffirmed its diplomatic leadership and the projection of South-South cooperation. At the opening, President Luiz Inácio Lula da Silva advocated for the reform of global governance and the Security Council, condemned armed conflicts, and addressed digital sovereignty, climate justice, and the fight against hunger. The country co-sponsored the Partners for Multilateralism alliance (along with Canada and Kenya) to protect and strengthen the UN system. In sector-specific agendas, Brazil highlighted health autonomy through the Health Economic-Industrial Complex (CEIS), bilateral partnerships with Mexico through Fiocruz, and agricultural technical cooperation with the African Development Bank and UNAIDS. The G-77 and China highlighted the defence of global governance reform, technological equality, and financial justice. At the 50th Annual Meeting of Ministers for Foreign Affairs on the sidelines of UNGA 81, the group reaffirmed the unity of its 134 member countries in the pursuit of a new financial architecture and the achievement of the SDGs. The group also promoted debates on climate finance, inclusive governance of artificial intelligence, and digital gender protection. Notably, Rwanda will be the next country to hold the pro tempore presidency of the G-77, assuming leadership in 2027 on behalf of the African Group. NAM focused its interventions on the defence of development and multilateral reform. The bloc advocated for transforming the Declaration on the Right to Development into a legally binding instrument to ensure fiscal space and technology transfer. In its statement during the high-level week, Uganda called for Security Council reform with permanent representation for Africa, a greater voice for the Global South in financial institutions, and the strengthening of the UN's development pillar. NAM reinforced the urgency of the PABS Annex to unblock the Pandemic Agreement. NAMYO strengthened youth leadership in global diplomacy; on International Day of Peace, it advocated for investment in youth and preventive diplomacy as the foundation for building resilient societies and overcoming geopolitical polarizations. The South Centre acted strategically in defence of developing countries, articulating intellectual property, the green transition, and global health. In New York, it addressed TRIPS Agreement barriers in climate technologies. At the WTO, it defended policy space for industrialization and a functional dispute settlement system. At WIPO, it boosted the Friends of GRATK coalition to accelerate the entry into force of the treaty against biopiracy. Furthermore, in the WHO Pandemic Agreement Working Group, it presented a legal proposal to ensure standardized and enforceable contracts within the Pathogen Access and Benefit-Sharing (PABS) system.*

Keywords: *South-South Cooperation. UNOSSC. G-77 and China. Non-Aligned Movement. Centro Sul.*

Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul (UNOSSC)

O Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul promove, coordena e apoia a cooperação Sul-Sul e triangular globalmente e dentro do sistema das Nações Unidas, incluindo: 1) Política e Apoio Intergovernamental; 2) Desenvolvimento de capacidades; 3) Cocriação e Gestão do Conhecimento; 4) Gestão do Fundo Fiduciário Sul-Sul. O UNOSSC atua como uma plataforma de compartilhamento de recursos onde parceiros do Sul Global se conectam buscando soluções e explorando oportunidades de financiamento. Também conecta governos, especialistas e grupos de reflexão para garantir que as perspectivas do Sul sejam incluídas nos diálogos políticos.

Destaques da UNOSSC na AGNU 81



23 de setembro de 2026 – Ações do Sul Global e Preparativos para a COP31

Em evento paralelo da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU 81) e em preparação para a COP31, estudantes participantes do Praticum de Consultoria[1] UNOSSC–NYU *"De Sevilha a 2030+: Financiando a Resiliência Climática no Sul Global"* reuniram-se com o Ministro do Meio Ambiente e Transição Ecológica da Costa do Marfim.

A 31ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP31) ocorrerá entre 9 e 20 de novembro de 2026 em Antália, Turquia.

O intercâmbio explorou opções de financiamento e soluções e tecnologias existentes e emergentes para a resiliência climática, incluindo como traduzir prioridades nacionais de adaptação em projetos financiados, mobilizar investimento privado para a resiliência agrícola e garantir que o financiamento chegue aos pequenos agricultores, incluindo produtores de cacau e castanha de caju.

As discussões também examinaram como a Cooperação Sul-Sul e a Cooperação Triangular podem ajudar os países a aprender mais rapidamente uns com os outros, trocar soluções e tecnologias práticas e suprir lacunas de financiamento e capacidade técnica para escalar a adaptação de base local.

Por meio de sua colaboração com o *Center for Global Affairs* da NYU SPS[2], o UNOSSC está conectando estudantes a formuladores de políticas para explorar caminhos rumo a um Sul Global mais resiliente ao clima.

[1] Um **Practicum de Consultoria** (ou *Consulting Practicum*) é uma disciplina prática e aplicada, muito comum em programas de pós-graduação, mestrado e especialização (especialmente nas áreas de administração, políticas públicas, diplomacia e relações internacionais).

[2] O **Center for Global Affairs (CGA)** é o centro de ensino, pesquisa e análise de políticas globais da School of Professional Studies (SPS) da New York University (NYU).



23 de setembro de 2026 – Transformação Digital e Desenvolvimento Humano: A Experiência do Bahrein como Modelo Global

Durante as discussões paralelas da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas, o avanço da inovação tecnológica esteve no centro dos debates sobre o futuro das nações. No painel ***"Bahrain's Digital Transformation Journey: National Human Development Report"*** — promovido pelo Centro de Estudos de Estratégia, Internacionais e de Energia do Bahrein (**Derasat**) em parceria com o **PNUD Bahrein**, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Ministério dos Transportes e Telecomunicações ficou claro que o progresso técnico só gera real valor quando centrado nas pessoas.

Dima Al-Khatib, Diretora do UNOSSC, enfatizou que a transição digital precisa caminhar lado a lado com investimentos robustos em capital humano, capacitação de habilidades e fortalecimento das instituições públicas. Sem esse alinhamento, corre-se o risco de ampliar desigualdades sociais e econômicas.

Durante as discussões centrais do debate, foi destacado a urgência de transformar o atual hiato digital em um dividendo de Inteligência Artificial. Com o avanço acelerado dessas novas tecnologias, os países em desenvolvimento enfrentam o desafio de superar a brecha tecnológica existente.

Nesse cenário, o UNOSSC apontou a Cooperação Sul-Sul e Triangular como uma ferramenta estratégica indispensável para democratizar o acesso às Inovações emergentes, assegurando que o avanço técnico se converta em benefícios sociais e econômicos concretos.

As conclusões preliminares do novo Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Bahrein também trouxeram lições valiosas sobre como alinhar a transformação digital às prioridades locais. A experiência do país evidencia que esse processo deve ser sustentado por três pilares fundamentais: a aprendizagem entre pares (*peer learning*), voltada para a troca contínua de boas práticas governamentais; o estabelecimento de parcerias internacionais e institucionais sólidas, integrando os setores público, privado e organismos multilaterais; e uma governança confiável, baseada em marcos regulatórios e de segurança que fortaleçam a confiança da população nos serviços públicos digitais.

Para viabilizar a expansão dessas boas práticas, a UNOSSC disponibiliza estruturas globais como a Aliança Global para Cooperação Sul-Sul e Triangular e a plataforma *South-South Galaxy+*, conectando a experiência do Bahrein com as demandas de outras nações da região e do mundo, com foco na modernização dos serviços públicos e na criação de novas oportunidades de desenvolvimento.

Em suma, a trajetória do Bahrein reitera que a tecnologia deve atuar como um meio para promover inclusão social, eficiência na gestão e melhoria da qualidade de vida, sendo o fortalecimento da cooperação internacional o caminho mais promissor para garantir uma era digital justa, equilibrada e inclusiva para todas as sociedades.



23 de setembro de 2026 – Aliança Estratégica para a Governança e Transformação Digital Inclusiva no Sul Global

Às margens da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas, a Diretora do UNOSSC, Dima Al-Khatib, reuniu-se com a Secretária-Geral da Organização de Cooperação Digital (DCO), Deemah AlYahya, com o objetivo de articular parcerias em transformação digital inclusiva e no desenvolvimento responsável de Inteligência Artificial (IA).

Principais pontos de discussão:

- **Mapeamento e Integração de Soluções Digitais:** Conexão direta entre as demandas estruturais dos países em desenvolvimento e tecnologias aplicadas, utilizando a Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular como plataforma catalisadora.
- **Inteligência Artificial para o Desenvolvimento:** Promoção de modelos de IA de baixo custo, abertos e customizáveis às realidades e necessidades locais, evitando novas dependências tecnológicas no Sul Global.
- **Inclusão da Juventude na Governança Global de Tecnologias:** Incorporação ativa da visão e das demandas dos jovens de países em desenvolvimento nos fóruns internacionais de normatização e regulação da Inteligência Artificial.



23 de setembro de 2026 – UNOSSC e SICA debatem fortalecimento da Cooperação Sul-Sul na 81ª Assembleia Geral da ONU

A Diretora do Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul (UNOSSC), Dima Al-Khatib, se reuniu com a Secretária-Geral do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA), Embaixadora Lina Eugenia Ajoy Rojas, para explorar oportunidades de fortalecimento das modalidades de cooperação Sul-Sul e triangular durante a UNGA81.

O encontro teve como objetivo principal discutir o avanço da troca de conhecimentos, conectar as soluções e inovações desenvolvidas na América Central com parceiros de todo o Sul Global e avaliar o potencial engajamento do SICA na Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular, promovendo o desenvolvimento sustentável e a integração inter-regional.



23 de outubro de 2026 – Financiamento e Inovação do Sul Global: UNOSSC, Marrocos e PNUD Impulsionam Aliança para o Desenvolvimento Sustentável

Em outro evento paralelo na AGNU 81, o Marrocos juntamento com o PNUD Marrocos organizaram uma sessão intitulada “Financiamento para o Futuro” para debater os caminhos estratégicos para acelerar o desenvolvimento sustentável no Global Sul.

No evento, painel, Dima Al-Khatib, Diretora do UNOSSC, ressaltou a importância de articular três pilares fundamentais: conhecimento, tecnologia e financiamento. via Cooperação Sul-Sul e Triangular para ampliar o impacto de soluções locais, impulsionar investimentos estratégicos, fortalecer as capacidades produtivas dos países e promover o crescimento sustentável de forma transversal.

Eixos Principais do Debate

Conectando Necessidades e Soluções Globais: O evento destacou a recém-lançada *Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular* que tem o potencial de mapear as demandas prioritárias identificadas diretamente pelos países e conectá-las a conhecimentos técnicos, parcerias institucionais e oportunidades de financiamento vindos do próprio Sul Global.

Marrocos e PNUD na Liderança das Parcerias: O Marrocos e o PNUD figuram entre os primeiros parceiros estratégicos desta nova Aliança Global.

Mecanismos Financeiros e Escala Regional: Combinando a atuação da Aliança Global com os Fundo Fiduciário para a Cooperação Sul-Sul gerido pela UNOSSC, a ONU busca consolidar uma arquitetura de financiamento sólida. O objetivo central é converter projetos operacionais em parcerias de longo prazo e investimentos concretos, garantindo a sustentabilidade financeira e a escala transfronteiriça das soluções do Sul Global.

Conclusão

A mensagem central do encontro reiterou que o futuro do financiamento para o desenvolvimento depende da capacidade de conectar a inovação do Sul Global com capital e redes institucionais de apoio. Ao fortalecer a Cooperação Sul-Sul e Triangular, organismos internacionais e governos criam um ecossistema mais resiliente e autônomo, no qual soluções locais se convertem em respostas globais para os desafios do desenvolvimento.

22 de setembro de 2026 – Fortalecimento da Resiliência a Desastres e Redução de Riscos via Cooperação Sul-Sul



Durante a AGNU 81, a Diretora do UNOSSC, Dima Al-Khatib, reuniu-se com o representante do Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNDRR) para consolidar parcerias estratégicas voltadas ao aumento da resiliência territorial e à gestão de riscos em países em desenvolvimento.

As principais áreas de colaboração são:

- **Impacto e Alcance do Trabalho Conjunto:** Nos últimos seis anos, as iniciativas conjuntas de capacitação e treinamentos virtuais sobre gestão de risco de desastres atingiram gestores e técnicos de 169 países e territórios, evidenciando o alcance capilar da diplomacia de conhecimento Sul-Sul.
- **Aporte via Fundos Fiduciários:** Destacou-se o engajamento crescente do UNDRR com os *Trust Funds* geridos pelo UNOSSC, garantindo sustentabilidade financeira a projetos de resposta a emergências e adaptação climática no Sul Global.

- **Perspectivas Futuras e Escalonamento:** A nova fase do plano de trabalho prevê o fortalecimento da atuação articulada por meio do Mecanismo Inter agencias da ONU e da Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular. Além disso, busca-se atrair parceiros do setor privado, novos arranjos de financiamento e a mobilização de expertise técnica local para escalar soluções práticas de resiliência.

22 de setembro de 2026 – Parceria entre UNOSSC e IsDB Prioriza Países Vulneráveis e Ações Transfronteiriças





Em outro evento paralelo durante a AGNU 81, o Banco Islâmico de Desenvolvimento (IsDB) e o Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul (UNOSSC) destacaram a importância estratégica de transformar o conhecimento compartilhado e a expertise das nações do Sul Global em oportunidades duradouras de desenvolvimento.

Na ocasião, a Diretora da UNOSSC, Dima Al-Khatib, ressaltou mais uma vez que a Cooperação Sul-Sul e Triangular desempenha um papel central ao permitir que os países compartilhem experiências técnicas, adaptem tecnologias e estruturem programas regionais sustentáveis e autônomos. O foco dessa atuação é beneficiar as populações e regiões que enfrentam as maiores barreiras ao desenvolvimento, **como** os Países em Desenvolvimento Sem Litoral (LLDCs), os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS) e as comunidades em situação de vulnerabilidade.

Eixos Principais do Debate

- **Transferência de conhecimento e capacitação:** A diretora destacou que a missão central das organizações multilaterais é facilitar a circulação transfronteiriça do conhecimento, fortalecendo as instituições locais para que sejam capazes de adaptar, aplicar e sustentar os ganhos do desenvolvimento a longo prazo.
- **Mecanismos e ferramentas de integração:** O encontro evidenciou a sinergia entre o mecanismo de *Reverse Linkage* do Banco Islâmico de Desenvolvimento, a recém-lançada Aliança Global para a Cooperação Sul-Sul e Triangular da UNOSSC e a plataforma digital *South-South Galaxy+*. Juntas, essas ferramentas atuam no alinhamento das prioridades regionais com a oferta de conhecimento especializado, parceiros financiadores e suporte operacional.
- **Foco na redução de assimetrias:** A cooperação descentralizada e orientada para resultados foi reafirmada como o pilar mais eficaz para reduzir assimetrias regionais, garantindo que soluções customizadas cheguem a contextos socioeconômicos vulneráveis e promovam resiliência institucional.

Conclusão

O painel reforçou que o progresso sustentável no Sul Global exige a consolidação de redes operacionais que integrem capacitação técnica e financiamento estruturado. Ao conectar as demandas regionais com mecanismos de implementação eficientes, parcerias como a da UNOSSC com o IsDB impulsionam a autonomia das nações e transformam a troca de conhecimento em um vetor prático de inclusão e desenvolvimento humano.

Brasil na cooperação Sul-Sul

Destaque do Brasil na 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas



No dia 22 de setembro, mantendo a tradição iniciada em 1955 de o Brasil ser o primeiro país a discursar na AGNU, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu os pronunciamentos na semana de alto nível da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Em um contexto internacional marcado por guerras, corrida armamentista, tensões geopolíticas e crescente questionamento da capacidade das instituições multilaterais, o discurso do presidente abordou temas como a crise de efetividade da ONU, as desigualdades internacionais, a soberania dos Estados e a condenação da ingerência externa.

Um dos pontos centrais foi a crítica à própria ONU, articulada à defesa de um multilateralismo renovado e com maior representatividade. O presidente Lula afirmou que a Organização está falhando em sua missão de preservar a paz e que sua credibilidade "nunca esteve tão baixa", atribuindo parte do problema à inércia do Conselho de Segurança e ao poder de veto das cinco grandes potências, o qual qualificou como um vício de origem que conferiu às grandes nações o "privilégio da insensatez". Diante do fato de que o ano de 2025 ter registrado o maior número de conflitos armados desde a Segunda Guerra Mundial, o Presidente defendeu uma maior representação de África, Ásia e América Latina, como uma reivindicação histórica do Sul Global pela democratização da governança internacional. O Secretário-Geral da ONU, António Guterres, em seu último discurso na AGNU, também associou a crise atual às divisões geopolíticas e à necessidade de maior representatividade na Organização.

No campo da paz e da segurança, o presidente Lula afirmou que a guerra representa a falência da política. Condenou o genocídio em Gaza pelo governo Israelense, os atos terroristas do Hamas e defendeu a solução de Dois Estados e a atuação do Tribunal Penal Internacional (*International Criminal Court* — ICC). Sobre a Ucrânia, defendeu a via diplomática por meio do Grupo de Amigos da Paz (Brasil-China).

Ao resumir sua posição com a frase "o Brasil não cabe no quintal de ninguém", rejeitou zonas de influência e investidas neocoloniais na América Latina. Afirmou que a região não precisa de "porta-aviões", mas de cooperação contra o crime organizado, citando a Lei Antifacção e o Centro Policial da Amazônia. Defendeu a soberania de Cuba, Venezuela, Nicarágua e Haiti.

Na agenda ambiental, reafirmou a descarbonização, a redução do desmatamento e o Fundo Florestas Tropicais para Sempre da COP30. Condicionou o acesso aos minerais críticos

brasileiros à geração de valor local e transferência de tecnologia, rejeitando o protecionismo maquiado de pauta ambiental.

O presidente defendeu a regulação das *Big Techs* e da IA contra o "neoliberalismo digital", a proteção do PIX público e o combate ao endividamento por BETs. Na saúde, criticou movimento antivacinas e defendeu a OMS; na economia, advogou pela Aliança Global contra a Fome, a taxação dos super-ricos e o fim da escala 6x1.

Por fim, reafirmou a democracia como valor central, defendendo uma governança global justa para o Sul Global e garantindo a soberania e a segurança do sistema eleitoral brasileiro nas eleições de outubro.



23 de setembro de 2026 – Brasil compartilha experiência de produção regional de medicamentos com países africanos

Em sessão paralela à AGNU 81, o Brasil participou de encontro promovido pelo UNAIDS com representantes de países africanos sobre produção regional de medicamentos para HIV/aids e outras pandemias. O Ministério da Saúde apresentou a experiência brasileira de resposta ao HIV, baseada no SUS, no acesso universal e gratuito a medicamentos e na participação social, e defendeu transferência de tecnologia, licenciamento voluntário e fortalecimento das capacidades produtivas nacionais e regionais.

Mais do que uma agenda de acesso a medicamentos, o episódio evidenciou a articulação entre saúde pública, política industrial, inovação e política externa. A defesa brasileira de que países do Sul Global deixem de ser apenas receptores de tecnologias e desenvolvam capacidade própria de produção está relacionada com a política nacional do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS), institucionalizada em julho de 2026. A política busca reduzir vulnerabilidades externas, fortalecer laboratórios públicos e utilizar o poder de compra do SUS para estimular pesquisa, desenvolvimento e produção nacional de tecnologias estratégicas. Na agenda paralela à AGNU, o Brasil busca projetar o CEIS como componente de uma agenda do *soft power* nacional.



22 de setembro de 2026 – Brasil apresenta experiências de combate à fome e desenvolvimento rural na ONU

Também às margens da AGNU 81 o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e combate à fome, Wellington Dias, apresentou a experiência brasileira de articulação entre transferência de renda, agricultura familiar, alimentação escolar e políticas de segurança alimentar, defendendo que a redução da fome seja sustentada por políticas permanentes, financiamento e cooperação internacional. A agenda incluiu encontro promovido pela República Dominicana e pela FAO sobre a sustentabilidade dos avanços contra a fome na América Latina e no Caribe, além de discussões sobre investimentos em pequenos produtores e economias rurais.

Para a cooperação Sul-Sul, o aspecto mais relevante é a apresentação do modelo integrado de políticas públicas brasileiro como experiência passível de intercâmbio internacional. O ministro destacou a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza como mecanismo para aproximar governos, organismos internacionais e parceiros em torno de soluções para a fome e a pobreza. A agenda, que é um dos principais temas da cooperação internacional brasileira, deslocou o debate da assistência alimentar imediata para a combinação entre proteção social, geração de renda, agricultura familiar e desenvolvimento rural.

Esta agenda ministerial reforça a segurança alimentar como área de projeção internacional de políticas públicas brasileiras, em articulação com a cooperação e o multilateralismo.


Lançamento da iniciativa Parceiros pelo Multilateralismo, Direito Internacional, Paz e Prosperidade ("P4M")

21 de setembro de 2026 – "Parceiros pelo Multilateralismo"

A iniciativa representa um movimento tático e estratégico da diplomacia brasileira no âmbito da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU 81).

Criado conjuntamente por Brasil, Canadá e Quênia, a iniciativa nasceu com o propósito de blindar as instituições multilaterais, em especial o sistema ONU, e reassegurar o cumprimento das regras do direito internacional, da soberania, da integridade territorial e da solução pacífica de controvérsias diante do recrudescimento de conflitos armados e da nova corrida armamentista global.

Gestada a partir de interlocuções iniciadas na Cúpula do G7 na França e com a articulação do presidente do Conselho Europeu, António Costa, a proposta ganhou tração imediata. A adesão posterior de atores como Índia, Austrália e Barbados — confirmados pela União Europeia como copatrocinadores do ato fundador — conferiu à coalizão uma abrangência geográfica e política ímpar. Ao reunir nações do BRICS, do G7, da Commonwealth, do Caribe e do continente africano, a iniciativa consolidou um espaço de convergência entre democracias do Sul Global e economias desenvolvidas.

Sob a ótica da cooperação internacional e da política externa brasileira, o movimento exemplifica a estratégia do país de promover um "multilateralismo de pontes". Ao articular alianças transversais que extrapolam os blocos tradicionais, o Brasil reafirma seu papel de mediador global e fortalece a demanda histórica por uma governança multilateral mais representativa, efetiva e democrática.

Outros destaques

21–23 de setembro de 2026 – Brasil e México ampliam cooperação em saúde, articulando SUS, regulação e desenvolvimento tecnológico

A missão do Ministério da Saúde do Brasil ao México, entre 21 e 23 de setembro, deu continuidade ao Memorando de Entendimento Brasil–México em saúde, assinado em Brasília em abril de 2026, e aprofundou um processo de aproximação entre os dois países



Desde a assinatura do documento, foram realizadas quatro reuniões técnicas entre os dois países, envolvendo temas como financiamento da saúde, assistência farmacêutica, acesso a medicamentos e avaliação de tecnologias em saúde. A aproximação entre os dois países aconteceu no contexto da intenção do México de transformar seu sistema de saúde em um sistema universal, nos moldes do SUS. Nesse sentido, a experiência brasileira é foco do interesse do governo mexicano.

A missão brasileira também apresentou o SasiSUS[3] (Subsistema de Atenção à Saúde Indígena), permitindo o intercâmbio sobre atenção à saúde indígena, interculturalidade, medicina tradicional, participação das comunidades e formação de profissionais, temas também presentes no contexto da transição pretendida pelo México. Nesse caso, a cooperação envolverá não apenas a apresentação de programas específicos, mas o compartilhamento de arranjos institucionais e experiências de organização de um sistema público universal.

Na agenda bilateral, foram discutidas também possibilidades de aprofundamento da cooperação entre Anvisa e Cofepris, o órgão regulador de saúde do governo do México, incluindo mecanismos de aproveitamento das avaliações regulatórias brasileiras e futuras avaliações conjuntas de tecnologias.

A cooperação envolve ainda uma importante dimensão científica, tecnológica e regulatória, com participação direta da Fiocruz, que discute com a Birmex, empresa pública mexicana de vacinas e medicamentos, a construção de plataformas conjuntas de pesquisa, desenvolvimento, produção e transferência de tecnologia, com destaque para as vacinas de RNA mensageiro (mRNA). Essa cooperação dá continuidade a um acordo firmado em 2025 e prevê intercâmbio de pesquisadores, capacitação, seminários técnicos e desenvolvimento conjunto de tecnologias. A participação da Fiocruz é especialmente significativa porque conecta a cooperação diplomática entre os dois governos à capacidade brasileira de pesquisa, inovação e produção tecnológica em saúde, transformando uma instituição científica nacional em agente da cooperação internacional.

A amplitude da agenda evidencia um movimento de adensamento da cooperação Brasil–México em saúde, articulando o compartilhamento de políticas públicas bem-sucedidas à pesquisa, inovação, regulação, formação de recursos humanos e produção de medicamentos e vacinas. Nesse sentido, a cooperação com o México aproxima a diplomacia da saúde da política de desenvolvimento do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS) e contribui para uma agenda de *soft power* na qual o Brasil projeta internacionalmente não apenas seu modelo de

[3] O SasiSUS (Subsistema de Atenção à Saúde Indígena) é o subsistema público do Sistema Único de Saúde (SUS) responsável por garantir a atenção integral à saúde dos povos indígenas no Brasil. Criado formalmente em 1999 pela Lei nº 9.836 (conhecida como Lei Arouca), o SasiSUS foi concebido para atender às especificidades socioculturais, epidemiológicas e geográficas das populações originárias, respeitando as suas medicinas tradicionais e formas de organização social.

sistema de saúde, mas também conhecimentos, instituições e capacidades científicas e tecnológicas construídas no país.

Fontes consultadas: Ministério da Saúde – Brasil e México avançam na cooperação em saúde entre os dois países | Ministério da Saúde – Brasil e México discutem plataformas conjuntas para desenvolvimento e produção de tecnologias em saúde | Ministério da Saúde – Ministério apresenta modelo de atenção à saúde indígena no México

14–18 de setembro de 2026 – ABC e Banco Africano de Desenvolvimento promovem missão para ampliar cooperação com países africanos



Entre 14 e 18 de setembro, o Brasil sediou uma missão técnica do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), que contou com representantes do próprio Banco e dos governos de Angola e da Tanzânia. A visita ocorreu no âmbito do Memorando de Entendimento firmado em junho de 2026 entre o BAD e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), vinculada ao Ministério das Relações Exteriores.

A iniciativa visa fortalecer a cooperação técnica entre o Brasil e o continente africano por meio do mapeamento de políticas públicas, tecnologias e instituições brasileiras capazes de impulsionar projetos de desenvolvimento local. A programação oficial começou no Palácio Itamaraty e incluiu visitas técnicas e reuniões de trabalho com diversas entidades nacionais.

Com foco central no desenvolvimento rural e na transformação dos sistemas agroalimentares, a missão articulou três contribuições institucionais de relevo:

- **Embrapa:** A Empresa Brasileira de pesquisa agropecuária apresentou avanços em pesquisa agrícola, recuperação e maneio de solos, recursos genéticos, biotecnologia, agroenergia, produção sustentável e tecnologias adaptadas às mudanças climáticas.
- **Sistema OCB:** A Organização das Cooperativas do Brasil expôs o modelo brasileiro de cooperativismo agropecuário e de crédito, ressaltando o seu papel na organização dos pequenos produtores, na prestação de assistência técnica, no acesso ao financiamento, na agregação de valor e na inserção comercial.
- **UFRRJ:** A Universidade Federal Rural do Rio de janeiro representada pelo professor Antônio Carlos de Souza Abboud, partilhou experiências académicas e práticas nos campos da agroecologia, agricultura orgânica e desenvolvimento sustentável.

A iniciativa consolidou a reaproximação estratégica entre o Brasil e o BAD, ampliando a presença da cooperação brasileira em África através de um banco regional de desenvolvimento.

Conforme destacado pelo Sistema OCB, a parceria abrange eixos como agricultura de baixa emissão de carbono, irrigação, mecanização, processamento agroindustrial, fortalecimento de micro e pequenas empresas e estímulo às relações económicas bilaterais.

Para o BAD, a cooperação se alinha com as suas prioridades estratégicas (2024–2033), orientadas para o crescimento verde e inclusivo, a modernização agrícola e o fortalecimento do setor privado. Sob a ótica da cooperação internacional, o modelo adotado integra ciência, tecnologia, transferência de políticas públicas e desenvolvimento produtivo, pautando-se pela adaptação contextual das soluções brasileiras às realidades locais, em vez de uma simples transferência passiva.

Do ponto de vista da saúde global e dos seus determinantes sociais, cabe questionar qual o espaço reservado à interface entre saúde, segurança alimentar e nutrição nas etapas desdobradas deste acordo entre a ABC e o BAD.

Grupo do G-77

O G-77 é a maior organização intergovernamental de países em desenvolvimento dentro das Nações Unidas e sua missão é permitir que os países do Sul Global se articulem e promovam seus interesses econômicos coletivos e aumentem sua capacidade internacional de negociação conjunta dentro do sistema das Nações Unidas. O G-77 é uma estrutura institucional permanente que se desenvolveu gradualmente, o que levou à criação de Capítulos com escritórios de ligação em Genebra (UNCTAD)[4], Nairóbi (UNEP)[5], Paris (UNESCO)[6], Roma (FAO/IFAD)[7], Viena (UNIDO)[8] e Washington (G-24)[9].

Em 2026, o Uruguai assumiu a presidência pró-tempore, sucedendo o Iraque, que ocupou o cargo em 2025. Essa rotação segue o princípio geográfico do grupo, já que 2026 marca a vez do Grupo Latino-Americano e Caribenho (GRULAC) liderar a coalizão.

Destaques do G-77

G-77 e China e UNGA 81

A 81ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU 81) teve início em 8 de setembro de 2026, com a sua Semana de Alto Nível realizada entre os dias 21 e 25 de setembro. Ao longo do evento, o G-77 e a China participaram ativamente de diversos encontros paralelos, destacando-se, como principal marco, a **50ª Reunião Anual dos Ministros das Relações Exteriores do grupo, realizada no dia 25 de setembro de 2026**

[4] UNCTAD — Comércio de Desenvolvimento da ONU.
[5] UNEP — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.
[6] UNESCO — Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
[7] FAO — Organização para a Alimentação e Agricultura e IFAD — Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola.
[8] UNIDO — Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial.
[9] G-24 — Assuntos monetários internacionais e desenvolvimento.

Discurso da Embaixadora Laura Dupuy na abertura da 50ª Reunião Anual dos Ministros das Relações Exteriores do grupo: ***O Sul Global não pede permissão***



A embaixadora fez uma homenagem e um agradecimento especial ao Secretário Geral, António Guterres, por sua abertura ao diálogo e pela constante defesa do multilateralismo ao longo de seu mandato. Em seguida, ressaltou o papel do G-77 como a principal plataforma de negociação do mundo em desenvolvimento dentro da ONU, capaz de transformar a força política de seus 134 países membros em capacidade real de influenciar e moldar agendas internacionais através da unidade.

Em relação ao cenário internacional, a Embaixadora enfatizou que fortalecer o multilateralismo é indispensável em um mundo fragmentado, mas deixou claro que defender esse sistema não significa apoiar o *status quo*. A governança global atual sofre de erosão de legitimidade por distribuir voz, poder e recursos de forma desigual, sendo fundamental que os países em desenvolvimento participem ativamente da criação das regras, em vez de apenas se adaptarem a decisões tomadas sem a sua consulta.

A quatro anos do prazo de 2030, ela alertou para o grande atraso no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), agravado por crises climáticas, endividamento e falta de financiamento. Defendeu-se a urgência de uma arquitetura financeira internacional mais justa, da resolução da crise de dívidas que impede investimentos básicos em saúde e educação, e do cumprimento dos compromissos da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento. Embora a Cooperação Sul-Sul seja uma expressão valiosa de solidariedade, ela serve como complemento e jamais como substituto da Cooperação Norte-Sul e das obrigações dos países desenvolvidos.

No campo tecnológico, ressaltou a necessidade de governança inclusiva para a inteligência artificial e acesso equitativo à infraestrutura e capacidade digital, evitando que os países em desenvolvimento fiquem reduzidos à condição de meros consumidores.

Sobre o funcionamento da ONU, a Embaixadora Laura destacou a atuação construtiva do grupo nos processos de reforma e na iniciativa ONU80, resguardando sempre o financiamento adequado do pilar do desenvolvimento. Quanto à escolha do próximo Secretário-Geral para 2027, defendeu um processo transparente que respeite a paridade de gênero e o equilíbrio geográfico.

Por fim, concluiu reafirmando que o Sul Global oferece soluções e exige que suas prioridades sejam consideradas, concluindo que a unidade do G-77 e China é a maior garantia para que sua voz jamais seja ignorada.



O discurso do **Secretário-Geral das Nações Unidas António Guterres na 50ª Reunião de Ministros das Relações Exteriores do G-77 e China**

O Secretário Geral abordou a necessidade urgente de justiça global dividida em quatro eixos principais, além de reconhecer a importância histórica do grupo:

António Guterres destacou o papel contínuo do G-77 na promoção do desenvolvimento, cooperação Sul-Sul e multilateralismo. Ressaltou que o

progresso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) está estagnado devido a conflitos armados, desastres climáticos e desigualdades crescentes.

Disse ainda que os países em desenvolvimento necessitam de US$ 4 trilhões adicionais por ano para atingir os ODS. É fundamental reestruturar a arquitetura financeira internacional, aliviar dívidas, aumentar o capital dos bancos multilaterais de desenvolvimento e conceder maior representatividade e voz às nações em desenvolvimento nessas instituições.

Ele ressaltou a necessidade de triplicar o financiamento para adaptação e perdas e danos climáticos. Além disso, afirmou que a transição para energias renováveis deve beneficiar de forma equitativa os países em desenvolvimento, especialmente na África, garantindo acesso a recursos e evitando a exploração predatória de minerais críticos.

Em relação a Inteligência Artificial o Secretário Geral insistiu que ela deve estar ao alcance de todas as nações, promovendo inclusão e capacitação global, sem aprofundar as disparidades tecnológicas existentes.

Defendeu a modernização de instituições globais — como o Conselho de Segurança da ONU e as instituições de Bretton Woods — para refletir a geopolítica atual, garantir paridade de gênero e representação geográfica justa, além de otimizar a eficácia dos órgãos da ONU.

Por fim, marcando sua última participação na reunião ministerial do grupo no cargo de Secretário Geral, reafirmou seu apoio contínuo à busca do G-77 por justiça, desenvolvimento e paz, recebendo os agradecimentos dos representantes do grupo pelo apoio prestado ao longo de seu mandato.

Discurso do Presidente da AGNU 81 – *Khalilur Rahman*



Restaurando a Confiança e o Protagonismo do Sul Global no Futuro do Multilateralismo

O Presidente da AGNU, Khalilur Rahman, deu início ao seu pronunciamento ressaltando que sua prioridade máxima para a AGNU 81 é restaurar a confiança entre os Estados-membros e fortalecer a ONU como uma instituição capaz de gerar resultados concretos.

Em relação à paz e segurança, enfatizou que o Conselho de Segurança deve atuar de forma imparcial e eficaz; contudo, nos casos em que o Conselho se omitir, a Assembleia Geral deve assumir sua responsabilidade perante a Carta das Nações Unidas.

Reconheceu o papel central do Sul Global nas operações de paz, citando o exemplo de seu país de origem, Bangladesh, que já contribuiu com mais de 200.000 capacetes-azuis, ressaltando a necessidade de financiamento previsível e foco na prevenção de conflitos.

Ele alertou que faltam apenas quatro anos para o prazo de 2030 e que o cenário financeiro se deteriorou significativamente, evidenciado pela queda recorde de 23% na Ajuda Oficial ao Desenvolvimento em 2025. Com dados mostrando que quase metade das metas dos ODS progride lentamente e 15% regrediram em relação a 2015, defendeu a urgência de fechar o déficit de financiamento e destacou a Cúpula dos ODS de 2027 como um momento crucial para avaliar barreiras e planejar o futuro pós-2030.

O Presidente da AGNU alertou que as políticas atuais colocam o planeta em trajetória de aquecimento de até 2,8 °C. Citou desastres recentes no Nepal e na China decorrentes do derretimento glacial como um alerta sobre os riscos severos enfrentados pelas comunidades das regiões montanhosas e de jusante, cobrando investimentos em adaptação, sistemas de alarme definitivo, infraestrutura resiliente e pleno financiamento do mecanismo de perdas e danos.

Em relação à inteligência artificial, defendeu uma governança inclusiva, orientada ao desenvolvimento e com controle humano, garantindo que a IA reduza as disparidades digitais em vez de amplificá-las.

Por fim, destacou o valor da Cooperação Sul-Sul como fonte de inovação e soluções aplicáveis, defendeu apoio prioritário e sustentado aos países menos desenvolvidos, sem litoral, pequenos estados insulares e nações africanas, e concluiu afirmando que o futuro do multilateralismo será medido pelos resultados práticos entregues às populações, e não pelo número de declarações adotadas.

Próximo país a assumir a presidência pró-tempore do G-77

Vale destacar que a Presidência *pró-tempore* do G-77 e China segue o princípio da rotatividade anual entre as suas três regiões geográficas — África, Ásia-Pacífico e América Latina e Caribe —, cabendo ao Grupo Africano assumir a liderança do bloco ao longo do próximo ano de 2027, momento em que a **República de Ruanda** exercerá a gestão do grupo.



Discurso do Ministro de Relações Exteriores e Cooperação Internacional de Ruanda, ***Hon. Olivier J.P. Nduhungirehe***

O Ministro e representante da República de Ruanda iniciou seu pronunciamento expressando profunda gratidão ao Uruguai, ao Grupo Africano e aos 134 países membros pela confiança e decisão unânime em conceder ao seu país a responsabilidade de liderar o grupo dos 77

Lembrou que Ruanda é membro fundador do G-77 desde sua criação em Genebra, em 1964, reafirmando um compromisso histórico e inabalável com a visão, os princípios e a causa do Sul Global, compreendendo na pele as lutas das nações em desenvolvimento pela independência econômica em tempos desafiadores.

O Ministro fez questão de homenagear a gestão do Uruguai à frente do G-77 em 2026, elogiando os avanços expressivos alcançados no diálogo econômico internacional e o fortalecimento da cooperação Sul-Sul sob a liderança uruguaia.

Por fim, assegurou que o governo de Ruanda atuará com honra, integridade e dedicação absoluta para defender as posições coletivas do bloco, trabalhando em estreita parceria com as delegações, com o Secretariado do G-77 e com parceiros internacionais para promover ativamente as aspirações e metas de desenvolvimento de todos os países membros ao longo de seu mandato em 2027.

Compromissos e Mesas-Redondas Ministeriais do G-77 na UNGA 81

23 de setembro de 2026 – Mesa-Redonda Ministerial sobre Direitos e Segurança Digital

Esta mesa redonda de alto-nível reuniu ministros, diplomatas e novos parceiros estratégicos em uma iniciativa copatrocinada pela ONU Mulheres. O encontro ganhou relevância especial ao conectar a agenda de governança tecnológica do G-77 e China às prioridades globais de igualdade de gênero e direitos humanos.

Em um momento em que a rápida difusão de tecnologias emergentes transforma o espaço público global, o debate concentrou-se no enfrentamento à Violência de Gênero Facilitada pela Tecnologia (VFMT), que significa **Violência Facilitada pela Tecnologia** (ou, mais especificamente, **Violência contra Mulheres e Meninas Facilitada pela Tecnologia**). O tema alertou para os novos riscos trazidos pelo abuso impulsionado por inteligência artificial, como a proliferação de desinformação direcionada, discursos de ódio e conteúdos gerados sem consentimento (*deepfakes*). A discussão ressaltou a urgência de assegurar uma transformação digital inclusiva que proteja mulheres e meninas no ambiente online, defendendo que a arquitetura tecnológica e a governança de IA incorporem salvaguardas firmes baseadas em direitos humanos.

Para os países em desenvolvimento, a mesa-redonda reafirmou que o avanço tecnológico e a inclusão digital só cumprem seu papel transformador quando acompanhados por garantias efetivas de segurança, justiça e proteção contra todas as formas de violência no ecossistema digital.

- **Sessões e Diálogos sobre a Iniciativa UN 80**: Debates focados no processo de reforma do sistema das Nações Unidas, no qual o G-77 atuou de forma construtiva para assegurar a modernização da gestão financeira, a preservação e o financiamento sustentável do pilar do desenvolvimento e uma maior eficácia nas operações de campo da organização.
- **Encontros Temáticos para discutir a plataforma de Sevilha para ação**: Reuniões voltadas para o acompanhamento dos compromissos do *Compromisso de Sevilla*, com foco na mobilização de recursos domésticos, alívio e reestruturação de dívidas soberanas, além da defesa do aumento de aportes e reformas nos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (BMDs).
- **Diálogos de Alto Nível sobre Governança da Inteligência Artificial e Financiamento Climático**: Eventos paralelos dedicados à criação de um Fundo Global para o Desenvolvimento de Capacidades em IA e à defesa do acesso equitativo à tecnologia, ao lado de discussões preparatórias para o financiamento de perdas e danos e a triplicação dos recursos destinados à adaptação climática no Sul Global.

Movimento dos Países Não Alinhados (MNA)

O MNA é a maior coligação de países depois das Nações Unidas, criada em 1961, hoje, o movimento é composto por 121 Estados Membros de todas as partes do mundo. Existem ainda 17 estados e 10 organizações internacionais com status de observador. O Gabinete de Coordenação é sediado na ONU, sendo o principal instrumento para dirigir o trabalho das forças-tarefa, comitês e grupos de trabalho do MNA. O trabalho diário do MNA é realizado por Grupos

de Trabalho, em nome do Gabinete de Coordenação. De 2024 a 2027, a presidência do MNA está a cargo da República de Uganda. O presidente de Uganda, Yoweri Museveni é o presidente do Movimento dos Não-Alinhados. A Delegação de Uganda junto às Nações Unidas é o representante do Presidente na ONU.

Destaques do MNA e UNGA 81

Dando seguimento à seção do MNA na 81.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU 81) do informe 16 dos cadernos Fiocruz de Saúde Global, na qual antecipamos os três eixos prioritários do bloco, apresentamos agora as manifestações formais efetivamente pronunciadas em Nova Iorque.

Como já é de amplo conhecimento, a 81.ª Sessão da AGNU foi aberta em 8 de setembro de 2026, sob a presidência do diplomata bangladeshi Khalilur Rahman, e o Debate Geral de Alto Nível realizado na semana de 22 a 28 de setembro, sob o tema "**Restaurar a confiança, gerir a transformação: uma ONU que entrega para todos**". A participação do MNA Concentrou-se em duas intervenções.

Os 40 anos da Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento

23 de setembro DE 2026 – Em reunião de Alto-Nível para celebrar o 40.º aniversário da Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento, adotada pela Resolução 41/128 de 1986[10,11,12] e com a presença do Presidente da Assembleia, Khalilur Rahman, do Secretário-Geral António Guterres e do Alto Comissário para os Direitos Humanos, Volker Türk, o MNA declarou que as Nações Unidas devem operacionalizar o direito ao desenvolvimento por meio de um instrumento juridicamente vinculante.

O Azerbaijão, que exerceu a presidência anterior do MNA, recordou ter liderado em 2023 a facilitação da resolução do Conselho de Direitos Humanos que submeteu o projeto de pacto à Assembleia Geral.

O diagnóstico apresentado em vídeo institucional na abertura da reunião ofereceu a moldura econômica do debate afirmando que doze indivíduos detêm mais riqueza que metade da humanidade; a riqueza bilionária ultrapassa US$ 18 trilhões; mais de 800 milhões de pessoas vivem em pobreza extrema; 3,4 bilhões vivem em países que gastam mais com juros da dívida do que com educação ou saúde; US$ 500 bilhões se perdem anualmente com abuso tributário[13]; e a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento sofre sua maior queda anual já registrada. O Alto Comissário para os Direitos Humanos Türk classificou o sistema financeiro internacional como "grotescamente desequilibrado", lembrando que o gasto militar global de US$ 2,8 trilhões

[10] Presidência da AGNU — página oficial do evento: https://www.un.org/pga/81/event/high-level-meeting-to-commemorate-the-40th-anniversary-of-the-declaration-on-the-right-to-development/

[11] Nota conceitual do segmento de alto nível: https://www.un.org/pga/wp-content/uploads/sites/110/2026/08/Concept-Note_High-level-Segment-to-Commemorate-the-40th-Anniversary-of-the-Declaration-on-the-Right-to-Development.pdf

[12] IPS News — *Forty Years of the 'Right to Development'*: https://www.ipsnews.net/2026/09/forty-years-of-the-right-to-development-when-growth-excludes-is-it-still-development/

[13] ONU, cobertura oficial DEV/3481 — *Speakers Call for Debt Relief, Fairer Financial System, at High-Level Meeting Marking Fortieth Anniversary of Declaration on Right to Development*: https://press.un.org/en/2026/dev3481.doc.htm

equivale a oito vezes o custo estimado de erradicar a pobreza.

Segundo o registro oficial da ONU, o projeto de pacto internacional sobre o direito ao desenvolvimento passou por um longo processo de consulta em Genebra e agora aterrissou em Nova Iorque para consideração da Assembleia.

Para a saúde global, a implicação é direta: o Direito ao Desenvolvimento é o arcabouço normativo que sustenta reivindicações de transferência de tecnologia, espaço fiscal para financiar sistemas públicos de saúde e repartição equitativa de benefícios em mecanismos como o PABS. Convertê-lo em instrumento vinculante significaria transformar em obrigação jurídica aquilo que hoje permanece como declaração política.

Semana de alto-nível da AGNU (22 a 28 de setembro de 2026)

Em 24 de setembro, a Vice-Presidente Jessica Rose Epel Alupo leu, na tribuna do Debate Geral, o pronunciamento do Presidente de Uganda[14] Yoweri Museveni, reafirmando a posição do país na condição de presidência do MNA e articulou três anúncios de consequência direta para o Movimento dos não-alinhados.



Sobre a agenda do bloco, Uganda declarou-se comprometida com os princípios de unidade, paz e solidariedade entre as nações em desenvolvimento e reafirmou a dedicação ao Pacto Internacional sobre o Direito ao Desenvolvimento, com o objetivo de transformar a Declaração de 1986 num instrumento operacional vinculante que enfrente as desigualdades globais estruturais. Vale a precisão técnica: trata-se ainda de um projeto de pacto em consideração, e não de instrumento existente.

Sobre o calendário institucional, a Vice-Presidente Jessica anunciou que Kampala sediará a Reunião Ministerial do Gabinete de Coordenação do MNA, para Estados-membros e observadores, entre 2 e 4 de dezembro de 2026, como a última janela estatutária da gestão ugandesa e como já noticiado nas edições 15 e 14 dos Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde.

Sobre a sucessão do Secretário Geral da ONU, Uganda apresentou formalmente a candidatura do Embaixador Olara Otunnu, destacando mais de quatro décadas de serviço no sistema das Nações Unidas, na diplomacia internacional e na administração pública, incluindo seu mandato como primeiro Representante Especial para Crianças e Conflitos Armados (1998–2005) e o mecanismo de monitoramento estabelecido pela Resolução 1612 (2005). Sua vasta experiência, estatura de estadista e comprovada capacidade de construir consensos o tornam excepcionalmente qualificado para liderar o Secretariado neste momento crítico.

[14] UN Web TV — *Uganda, General Debate, 81st Session*: https://webtv.un.org/en/asset/k10/k102ofz8yh

O restante da intervenção articulou a agenda estrutural do Sul Global.

Na reforma do Conselho de Segurança[15], Uganda exigiu a legítima representação da África, nas categorias permanente e não permanente, para corrigir desequilíbrios históricos, com base no Consenso de Ezulwini e na Declaração de Sirte[16].

Sobre a iniciativa ONU80, apoiou a racionalização institucional com a ressalva de que a reforma não pode enfraquecer mandatos, compromissos, programas nem a implementação da Agenda 2030, posição alinhada à do G-77 e China.

No campo do financiamento[17,18], registrou que apenas 36% das 139 metas dos ODS estão no caminho projetado, cobrou reforma das instituições financeiras internacionais com maior voz dos países em desenvolvimento no FMI e no Banco Mundial, e manifestou apoio à implementação plena do Compromisso de Sevilha[19] e às negociações da Convenção-Quadro da ONU sobre Cooperação Tributária Internacional, incluindo os protocolos sobre serviços transfronteiriços e solução de controvérsias.

A demanda por reforma financeira responde também a uma pressão doméstica concreta: a dívida pública ugandesa alcançou US$ 37,12 bilhões ao fim de junho de 2026, com a relação dívida/PIB subindo de 51,3% para 54,3%.

No eixo sanitário, o Vice-presidente destacou a modernização de centros de saúde e hospitais regionais de referência, a saúde digital e o enfrentamento simultâneo de doenças transmissíveis e não transmissíveis. Afirmou que Uganda está no caminho das metas 95-95-95 do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) que estabelecem que 95% das pessoas vivendo com HIV conheçam seu diagnóstico, 95% destas estejam em tratamento antirretroviral e 95% das que se tratam alcancem supressão viral e do fim da AIDS como ameaça de saúde pública até 2030.

Prevenção, preparação e resposta a pandemias

Em 25 de setembro, a AGNU realizou a segunda Reunião de Alto Nível sobre Prevenção, Preparação e Resposta a Pandemias[20], convocada pela Resolução A/RES/79/333 e facilitada por Armênia e Ruanda, sob o tema *"Fomentar uma abordagem multilateral e intergeracional para prevenir, preparar-se e responder a pandemias e emergências de saúde pública, através dos*

---

[15] AllAfrica/UG Diplomat — *Museveni Calls for UN Security Council Reform, Stronger Multilateralism At UNGA 81* (24 set. 2026): https://allafrica.com/stories/202609240209.html

[16] Documentos adotados pela União Africana em 2005 que consolidam a posição comum do continente sobre a reforma do Conselho de Segurança, reivindicando dois assentos permanentes com direito de veto e cinco não permanentes para a África.

[17] Business Times Uganda — *Alupo Calls for Global Finance Reform as Uganda's Public Debt Continues to Rise*: https://businesstimesug.com/alupo-calls-for-global-finance-reform-as-ugandas-public-debt-continues-to-rise/

[18] Nile Post — *Alupo Calls for Global Financial Reforms, Greater African Voice at UN*: https://nilepost.co.ug/news/372789/alupo-calls-for-global-financial-reforms-greater-african-voice-at-un

[19] Documento final da Quarta Conferência Internacional sobre Financiamento para o Desenvolvimento (FfD4), realizada em 2025 — e às negociações da Convenção-Quadro da ONU sobre Cooperação Tributária Internacional, incluindo os protocolos sobre serviços transfronteiriços e solução de controvérsias.

[20] Presidência da AGNU — página oficial da reunião: https://www.un.org/pga/81/2026/09/14/high-level-meeting-pandemic-prevention-preparedness-and-response/

princípios da equidade e da solidariedade". O encontro foi organizado em dois painéis multissetoriais, sendo o segundo dedicado ao acesso equitativo por meio de sustentabilidade e previsibilidade: capacidades e financiamento[21].

A Declaração Política aprovada sustenta que a segurança sanitária nacional só se alcança mediante solidariedade global, adota abordagem Uma Só Saúde[22], reconhece o Acordo de Pandemias e as emendas ao Regulamento Sanitário Internacional, e sublinha a urgência de concluir o Anexo PABS, cuja adoção na Assembleia Mundial da Saúde de maio de 2027 é condição para que os Estados-membros possam iniciar a ratificação do Acordo de Pandemias, adotado em maio de 2025 e ainda não em vigor. Cabe precisão jurídica: a Declaração foi aprovada na reunião de alto nível, mas sua adoção formal pela Assembleia Geral ainda está pendente.

Amina Mohammed, em nome do Secretário-Geral, foi direta: "O Sistema de Acesso a Patógenos e Repartição de Benefícios, em negociação, é crítico para destravar todo o potencial do Acordo de Pandemias da OMS[23]. Não há tempo a perder." O contexto de Genebra reforça a urgência — a oitava sessão do Grupo de Trabalho Intergovernamental encerrou-se em 18 de setembro sem texto final do Anexo.

Outras vozes do Sul Global no Debate Geral

Entre os pronunciamentos de Estados-membros do MNA, destacou-se o do presidente ganês John Dramani Mahama, em 24 de setembro, que articulou reparações históricas a transformação estrutural: "a reparação real exige transformação estrutural. Requer desmantelar os motores persistentes da exploração: regimes comerciais globais injustos, extração predatória de recursos, classificações de crédito discriminatórias, encargos de dívida insustentáveis e a continuada exportação de matérias-primas da África enquanto a agregação de valor real e a criação de empregos ocorrem em outro lugar."[24] Registrou que países em desenvolvimento pagam juros até oito vezes maiores e que governos são forçados a uma escolha trágica: servir a dívida predatória ou servir a seu povo, afirmando que a África não busca caridade e que processaremos nossos minerais em casa.

O presidente somali Hassan Sheikh Mohamud, também em 24 de setembro, sustentou que a incerteza, infelizmente, tornou-se a nova norma, defendeu um Conselho de Segurança mais representativo, transparente e eficaz alinhado à posição comum africana, e reafirmou apoio ao direito do povo palestino à autodeterminação e à condição de Estado, com apelo por

---

[21] OMS — *World leaders renew commitment to protect the world from future pandemics*: https://www.who.int/news/item/25-09-2026-world-leaders-renew-commitment-to-protect-the-world-from-future-pandemics

[22] (One Health) que trata a saúde humana, animal e ambiental como sistema único e interdependente, reconhecendo que a maioria das pandemias tem origem na transmissão de patógenos de animais para humanos.

[23] OMS — *Member States advance negotiations on pathogen access and benefit-sharing* (18 set. 2026): https://www.who.int/news/item/18-09-2026-member-states-advance-negotiations-on-pathogen-access-and-benefit-sharing-ahead-of-un-general-assembly-meeting-on-pandemics

[24] Africa Briefing — *Africa speaks with rare unity at UNGA 81*: https://africabriefing.com/africa-speaks-with-rare-unity-at-unga-81/

cessar-fogo em Gaza[25]. O presidente moçambicano Daniel Chapo, em 23 de setembro, defendeu que restaurar a confiança significa renovar a promessa feita há 81 anos, pleiteando financiamento acessível, alívio da dívida, financiamento concessional e climático e transferência de tecnologia, na transição da dependência à capacitação[26].

Considerações finais

A AGNU 81 ofereceu ao Movimento dos Não-Alinhados as arenas formais que a comemoração de Belgrado não pôde oferecer, com mandato, texto negociado e produto normativo. Ainda assim, a presença do bloco na semana de alto nível resumiu-se a duas intervenções e dois silêncios que dizem mais que o conjunto das falas. O primeiro silêncio foi do Gabinete de Coordenação, sediado em Nova Iorque que é o instrumento pelo qual o MNA se manifesta coletivamente e não emitiu declaração alguma sobre Palestina, Cuba ou medidas coercitivas unilaterais, temas que o próprio MNA elegeu como estruturais, e não há confirmação de que a tradicional reunião ministerial anual do bloco em Nova Iorque tenha ocorrido.

O segundo é o que cerca a candidatura do Embaixador Olara Otunnu ao cargo de Secretário-Geral da ONU, anunciada da tribuna a partir da posição de presidência do país e que não recebeu endosso formal do MNA, da União Africana ou do G-77, e obteve na terceira votação informal do Conselho de Segurança, em 18 de setembro, apenas 5 votos de estímulo contra 7 de desestímulo, distante dos nove necessários. A tribuna do bloco foi usada como plataforma nacional sem a contrapartida de mobilização coletiva que historicamente caracterizou o Movimento em disputas sucessórias.

Os dois avanços da semana, o projeto de pacto sobre o Direito ao Desenvolvimento formalmente diante da AGNU e o compromisso político com o Anexo PABS inscrito na Declaração sobre Pandemias, só se convertem em direito exigível mediante coordenação sustentada de votos e narrativa nas instâncias seguintes: a tramitação do pacto nas comissões da Assembleia e do Conselho de Direitos Humanos, e a adoção do Anexo na Assembleia Mundial da Saúde de maio de 2027, sem a qual os Estados sequer podem iniciar a ratificação do Acordo de Pandemias. É precisamente essa capacidade de coordenação que a presença fragmentada em Nova Iorque não demonstrou.

Movimento Jovem dos Não Alinhados (NAMYO)

A Organização Jovem do Movimento dos Não-Alinhados (NAMYO) foi inaugurada oficialmente em outubro de 2021 em Baku no Azerbaijão e, desde então, vem atuando como uma plataforma ampla, criando oportunidades para que os jovens possam se manifestar, apresentar suas ideias e perspectivas em temas relacionados com a conjuntura política global capacitando os mais jovens para se tornarem líderes do futuro.

---

[25] Arab News — *Somalia reaffirms support for Palestinian statehood at UN General Assembly*: https://arabnews.com/world/somalia-reaffirms-support-for-palestinian-statehood-at-un-general-assembly-3002996

[26] Club of Mozambique — *Mozambique: UNGA address, ExxonMobil meeting on Chapo's agenda for final day of US visit*: https://clubofmozambique.com/news/mozambique-unga-address-exxonmobil-meeting-on-chapos-agenda-for-final-day-of-us-visit/

DESTAQUES

21 de setembro de 2026 – Posicionamento da NAMYO no Dia Internacional da Paz.



No Dia Internacional da Paz, comemorado em 21 de setembro sob o tema "**Invista na Paz: Para Todos, em Todos os Lugares, Todos os Dias**", a Organização Jovem do Movimento dos Não-Alinhados (NAMYO) reafirmou o compromisso da juventude dos países não alinhados com a promoção da paz enquanto responsabilidade compartilhada e imperativo ético global.

O posicionamento ressalta que a estabilidade internacional não é um estado passivo, mas uma construção ativa sustentada no desenvolvimento de competências humanas e comunitárias — como o diálogo aberto, a empatia, a solidariedade, a inclusão e a conscientização intercultural. Ao capacitar os jovens para atuar como pontes diante de polarizações e fraturas geopolíticas, a organização reforça que o investimento no engajamento juvenil e na diplomacia preventiva é o caminho essencial para edificar sociedades resilientes e assegurar um futuro verdadeiramente pacífico para todos.

14 de setembro de 2026 – Encontro da NAMYO com a Rede Parlamentar do MNA.



NAMYO promoveu um diálogo interativo com a Presidente do Parlamento do Azerbaijão (Milli Majlis) e da Rede Parlamentar do MNA, Prof.ª Dr.ª Sahiba Gafarova, focado na centralidade da juventude para a cooperação interparlamentar.

O encontro abordou a urgência de formular respostas institucionais coordenadas para os principais desafios globais contemporâneos por meio de um multilateralismo parlamentar renovado. A discussão enfatizou a construção de uma governança compartilhada mais inclusiva, equilibrada e alinhada às realidades dos Parlamentos dos Estados-Membros, posicionando o engajamento juvenil e a liderança participativa do Sul Global como motores indispensáveis para democratizar os processos de tomada de decisão e aproximar a diplomacia parlamentar das novas gerações.

Centro Sul

O Centro Sul é uma organização intergovernamental de nações em desenvolvimento, com sede em Genebra, na Suíça, criada em 1995, que funciona como um *think tank* de reflexão e ação política em prol do Sul global.

O Centro Sul realiza pesquisas voltadas para políticas públicas sobre questões-chave de desenvolvimento e apoia os países em desenvolvimento a participarem efetivamente de processos de negociação internacional relevantes para a consecução dos ODS.

O Centro Sul também oferece assistência técnica e capacitação em diversas áreas dentro do seu programa de trabalho. O Centro promove a unidade do Sul, reconhecendo a diversidade

de interesses e prioridades nacionais. O Centro Sul sucedeu a Comissão do Sul, cujo principal objetivo era fortalecer a cooperação Sul-Sul nos assuntos internacionais. Em 2025, celebrou seu 30º aniversário

NOTÍCIAS DE DESTAQUES

24 de setembro de 2026 — O Centro Sul na Semana de Alto Nível: propriedade intelectual e a disputa pela transição verde.



A participação do Centro Sul na semana de alto nível da 81.ª Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU 81) concentrou-se em uma intervenção temática precisa, realizada fora do recinto da Assembleia, mas dentro de seu ecossistema político.

Em 24 de setembro, no Ford Foundation Center for Social Justice, em Nova Iorque, o Centro Sul coorganizou com a *Resource Justice Network* a mesa-redonda "**Quem é dono da transição? Tecnologia, poder e a divisão industrial verde**" — em formato presencial e por convite, integrada à programação da Semana do Clima de Nova Iorque[27].

O encontro operacionalizou, no ambiente político da Assembleia Geral, o conteúdo do Resumo de Política 162[28], de autoria de Paulo Esteves, publicado em 2 de setembro e já analisado na edição 16 dos Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde. A tese central é que os países em desenvolvimento enfrentam o triplo desafio simultâneo de industrializar, descarbonizar e adaptar-se às mudanças climáticas, enquanto tecnologias climáticas cruciais permanecem inacessíveis porque o conhecimento fundamental está protegido por patentes e segredos comerciais concentrados em poucas corporações multinacionais.

A relevância dessa agenda para a diplomacia da saúde reside na identidade estrutural do argumento. Os quatro agrupamentos de barreiras identificados no estudo — custos de acesso, custos de transação, restrições legais decorrentes do Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio (TRIPS, na sigla em inglês) e de cláusulas "TRIPS-plus" em acordos bilaterais, e lacunas de capacidade de absorção — são exatamente os mesmos que o Centro Sul mapeia no campo farmacêutico.

As recomendações replicam a estratégia consolidada no setor da saúde: uso ativo das flexibilidades do TRIPS, licenciamento compulsório, critérios mais rígidos de patenteabilidade, bancos de patentes e fortalecimento de capacidades produtivas locais. Trata-se, portanto, de uma mesma arquitetura analítica aplicada a dois domínios — medicamentos e tecnologias verdes —, o que confere ao Centro Sul coerência doutrinária transversal nas negociações multilaterais.

---

[27] South Centre — *South Centre & Resource Justice Network Roundtable, 24 September 2026*: https://www.southcentre.int/south-centre-resource-justice-network-roundtable-24-september-2026/

[28] South Centre — *Policy Brief 162* (2 set. 2026): https://www.southcentre.int/policy-brief-162-2-september-2026/

21 de setembro de 2026 – "O que os países em desenvolvimento desejam da próxima geração de regras multilaterais?". (Vahini Naidu)



À margem do Fórum Público da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 17 de setembro, o Centro Sul organizou um painel de discussão intitulado **"O que os países em desenvolvimento desejam da próxima geração de regras multilaterais?".**

Realizada sob a regra da *Chatham House*[29], a conversa reuniu embaixadores, delegados e especialistas dos Estados-Membros do Centro Sul para refletir sobre como a reforma da OMC pode atender aos interesses dos países em desenvolvimento em uma economia global em transformação.

Os Estados-Membros participantes enfatizaram que a reforma da OMC deve preservar e expandir o espaço político necessário para que os países em desenvolvimento se industrializem, diversifiquem suas atividades e migrem para uma produção de maior valor agregado. Eles alertaram contra a priorização de novas regras enquanto problemas de desenvolvimento de longa data permanecerem sem solução, apesar dos repetidos apelos dos países em desenvolvimento por progressos significativos.



Eles também ressaltaram que a reforma da OMC não deve prejudicar seus os objetivos de desenvolvimento por meio de mudanças na tomada de decisões por consenso, no tratamento de Nação Mais Favorecida, no Tratamento Especial e Diferenciado ou no uso de abordagens plurilaterais.

A restauração de um sistema de resolução de disputas plenamente funcional, eficaz e acessível foi identificada como essencial. Sem a aplicação credível das regras acordadas, os compromissos da OMC oferecem proteção prática limitadas contramedidas comerciais unilaterais e violações dos direitos e obrigações dos Membros.

Os Estados-Membros apoiaram veementemente o Centro Sul e enfatizaram que as instituições que fornecem análises e apoio independentes aos países em desenvolvimento devem ser protegidas. Manifestaram preocupação com a pressão a que recaem as organizações que defendem as perspetivas dos países em desenvolvimento, mesmo quando outras vozes externas têm um espaço considerável para influenciar o debate na OMC.

O encontro reafirmou que o desenvolvimento deve permanecer no centro do trabalho da OMC, inclusive no processo de reforma em curso. Diversas ideias e recomendações surgiram da discussão, as quais o Centro Sul encaminhará em consulta com seus Estados-Membros.

---

[29] A **Regra da Chatham House** (*Chatham House Rule*) é uma norma utilizada em reuniões, debates e conferências para incentivar a abertura e a honestidade nas discussões sobre temas sensíveis.
A regra estabelece o seguinte: *"Quando uma reunião, ou parte dela, é realizada sob a Regra da Chatham House, os participantes são livres para usar as informações recebidas, mas nem a identidade nem a afiliação do(s) palestrante(s), nem a de qualquer outro participante, pode ser revelada."*

17 de setembro de 2026- **Centro Sul e Missão do Irã promovem evento paralelo na 53.ª sessão do IGC da OMPI sobre a ratificação e implementação do Tratado GRATK.**



O Centro Sul, em cooperação com a Missão Permanente da República Islâmica do Irã junto à ONU em Genebra, promoveu um evento paralelo durante a 53.ª Sessão do Comitê Intergovernamental sobre Propriedade Intelectual e Recursos Genéticos, Conhecimentos Tradicionais e Folclore (IGC53) da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI/WIPO).

O encontro abordou os caminhos práticos para a ratificação e implementação do Tratado da OMPI sobre Propriedade Intelectual, Recursos Genéticos e Conhecimentos Tradicionais Associados (Tratado GRATK[30]). O principal destaque do evento foi a consolidação da nova coalizão "Friends of GRATK" ("Amigos do GRATK"), uma aliança internacional de países comprometidos em mobilizar apoio político e acelerar os processos legislativos nacionais para garantir a entrada em vigor desse instrumento internacional.

A coalizão surge para manter o dinamismo diplomático gerado após a adoção histórica do texto em maio de 2024. O grupo atua articulando países mega diversos e nações do Sul Global para coordenar ações diplomáticas, sanar dúvidas regulatórias sobre a transposição das regras internacionais para o direito doméstico e incentivar a adesão no âmbito parlamentar dos Estados-Membros.

O Tratado GRATK passará a ter efeito vinculante no direito internacional 3 meses após a deposição do 20.º instrumento de ratificação ou adesão por parte dos Estados-Membros da OMPI. O evento do dia 17 de setembro teve como foco justamente incentivar que os governos priorizem essa pauta em seus poderes legislativos nacionais.

A implementação efetiva do Tratado GRATK é considerada crucial para combater a biopirataria, proteger os direitos de povos indígenas e comunidades locais e criar um ecossistema global de patentes mais transparente, no qual o acesso a recursos genéticos (essenciais para produtos farmacêuticos, biotecnologia e cosméticos) esteja condicionado à obrigação de declaração de origem e à repartição justa e equitativa de benefícios.

[30] Adotado em maio de 2024 na sede da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI/WIPO) após décadas de negociações, o Tratado GRATK representa um marco para o direito internacional. Ele estabelece uma exigência compulsória de divulgação (disclosure requirement): inventores e empresas que solicitarem patentes baseadas em recursos genéticos ou conhecimentos tradicionais associados devem declarar explicitamente o país de origem ou a fonte desses recursos e saberes.

14 de setembro de 2026 – [Declaração do Centro Sul ao Grupo de Trabalho Intergovernamental de Composição Aberta sobre o Acordo da OMS para a Pandemia, Oitava Sessão (IGWG8).]


SOUTH CENTRE

Statement by the South Centre to the Open-ended Intergovernmental Working Group on the WHO Pandemic Agreement, Eight Session (IGWG8)

14 September 2026

The Open-ended Intergovernmental Working Group on the WHO Pandemic Agreement (IGWG) informals have asked a core question. How can benefit sharing carry the same weight as access?

Article 12 establishes that the terms and conditions for access and benefit sharing shall provide legal certainty and that the mechanism for setting them out, including benefit sharing by participating manufacturers, is legally binding contracts with WHO. To act rapidly and ensure transparency and equitable treatment of all users, these must be standard contracts. They should be signed upon accessing to pathogen access and benefit sharing (PABS) materials or sequence information, because once the materials/information are processed it may be technically impracticable to identify them. The IGWG should move fast to define the contractual terms and the measures

Na abertura da 8.ª sessão do Grupo de Trabalho Intergovernamental (IGWG8) sobre o Acordo de Pandemias da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Centro Sul apresentou declaração que responde à pergunta central que vinha organizando as consultas informais do processo: como fazer com que a repartição de benefícios tenha o mesmo peso que o acesso a patógenos.

A resposta do Sul Global é jurídica antes de ser política pois a equidade só se sustenta se for exigível, e exigibilidade depende de contratos, rastreabilidade e responsabilização.

O argumento parte do texto já acordado. O Artigo 12 do Acordo estabelece que os termos do Sistema de Acesso a Patógenos e Repartição de Benefícios (PABS) devem oferecer segurança jurídica e que o instrumento para os fixar aos contratos juridicamente vinculantes com a OMS. O Centro Sul sustenta que, para operar com rapidez e tratar todos os usuários de forma equitativa, esses contratos precisam ser padronizados e assinados no momento da adesão ao acesso aos materiais ou às informações de sequência genética e não depois. A razão é técnica e decisiva: uma vez que o material biológico é processado, torna-se praticamente impossível identificar sua origem, o que inviabiliza qualquer cobrança posterior de contrapartida. Quem acessa o patógeno na origem assume a obrigação na origem.

O conteúdo dessas contrapartidas é detalhado em quatro frentes:

- **Reservas em tempo real e doações** de vacinas, terapêuticos e diagnósticos à OMS, ou seja, percentuais da produção separados durante a emergência, e não ao final dela;
- **Licenciamento não exclusivo e transferência de tecnologia e *know-how***, condição para que países do Sul produzam localmente em vez de aguardar remessas internacionais;
- **Contribuição financeira obrigatória** de qualquer entidade que comercialize produto ou serviço desenvolvido a partir de materiais ou sequências obtidos pelo Sistema de Acesso a Patógenos e Repartição de Benefícios (PABS), mecanismo pelo qual países do Sul compartilham amostras de vírus e dados genéticos em troca de contrapartida em vacinas, tratamentos e tecnologia;
- **Segurança jurídica, rastreabilidade e responsabilização**, sem as quais as três primeiras permanecem meramente declaratórias.

A proposta de contribuição monetária merece atenção pelo desenho preciso. O gatilho é a colocação do produto no mercado, não a pesquisa. A pesquisa isolada não gera obrigação de pagamento, o que preserva o incentivo científico. A obrigação vale seja o usuário um fabricante participante ou não, e o ônus de provar que o material veio de fora do sistema PABS recai sobre o usuário, e não sobre o país de origem. Essa inversão do ônus da prova é o ponto tecnicamente mais engenhoso da proposta: transfere para quem lucra o custo de demonstrar que não deve. Usuários que não comercializem produtos derivados ficariam sujeitos a formas não monetárias de repartição.

O alerta mais contundente da declaração dirige-se ao chamado “modelo híbrido” em discussão em que a arquitetura que ofereceria acesso aos patógenos por duas rotas distintas, vinculando obrigações de repartição a apenas uma delas. O Centro Sul é categórico: se o mesmo material puder ser obtido por outro caminho sem compromisso subsequente, desaparece qualquer motivação para aderir ao PABS. Na declaração, o acesso ficaria assegurado a todos enquanto a repartição de benefícios se tornaria uma escolha para alguns, o que descumpre frontalmente o requisito do Artigo 12 de que acesso e repartição estejam em pé de igualdade. Não se trata de crítica marginal: um sistema voluntário na prática é um sistema que reproduz, com outra roupagem, a assimetria da pandemia de COVID-19 em 2020.

Em contrapartida, o Centro Sul acolhe como digno de consideração o modelo de bancada federada (*federated workbench*) levantado nas reuniões informais. Até aqui, as negociações vinham tratando o acesso sobretudo como obrigação de transferência física de materiais e sequências genéticas. O modelo federado propõe um caminho distinto: o usuário registrado envia uma consulta por uma interface comum, a análise roda no local onde o dado está armazenado (no país de origem) e apenas os resultados processados retornam. Na prática, o dado genético nunca sai do país de origem — o que resolve simultaneamente o problema da rastreabilidade e o da soberania sobre material biológico, questão que atravessa também o mecanismo de Informação de Sequência Digital (DSI) na Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB).